

— Capítulo 1 —

Hank contou o maço de notas. Era muito dinheiro — cento e cinquenta notas de dez dólares novinhas em folha. Fitou Jackson com os seus olhos amarelos, frios.

— Deste-me quinze notas de cem, não foi?

Queria aquilo bem claro. Era estritamente negócio. Ele era um homem pequeno e vivo, com pele morena, manchada, e cabelo fino, desfrisado. Não tinha ar de estar ali para brincar.

— Isso mesmo — disse Jackson. — Mil e quinhentos dólares.

Também para Jackson, aquilo era estritamente negócio.

Jackson era um negro atarracado, forte, com gengivas de um vermelho arroxeadado e uns dentes muito brancos de quem gosta de rir, mas Jackson não estava a rir-se. Aquilo era demasiado sério para se estar a rir. Jackson só tinha vinte e oito anos, mas o assunto era tão sério que parecia, à vontade, ter mais uns dez anos.

— Queres que eu te faça quinze notas de mil, não é? — insistiu Hank.

— É isso mesmo — disse Jackson. — Quinze mil dólares.

Tentou parecer satisfeito, mas estava com medo. O suor pingava do seu cabelo curto encarapinhado. A sua cara negra, redonda, brilhava como uma bola de bilhar.

— A minha parte vai ser dez por cento... Mil e quinhentos, não é?

— Sim. Pago-te mil e quinhentos dólares pelo negócio.

— Eu vou receber cinco por cento pela minha parte — disse Jodie. — Isso são setecentos e cinquenta. Está bem?

Jodie era um carregador, um rapaz de altura média, de pele escura e áspera, musculoso, que vestia um casaco de couro e calças do exército. O seu cabelo comprido e espesso tinha as pontas lisas e encarniçadas, e era frisado e preto junto à raiz. Não o cortava desde a véspera do ano novo e já eram meados de Fevereiro. Bastava olhar para Jodie para se perceber que ele era um bota-de-elástico.

— Está bem — disse Jackson. — Tu recebes setecentos e cinquenta pela tua parte.

Fora Jodie que conseguira que Hank o fizesse ganhar aquele dinheiro todo.

— Eu fico com o resto — disse Imabelle. Os outros riram-se.

Imabelle era a miúda de Jackson. Era uma rapariga de lábios cheios, corpo sensual e pele dourada, com os olhos castanhos de uma provocadora e as ancas arqueadas e gigantescas de uma amante nata. Jackson estava perfeitamente louco por ela.

Estavam reunidos, de pé, à volta da mesa da cozinha. A janela dava para a Rua 142. A neve caía sobre os montes congelados de lixo que se estendiam como diques ao longo das sarjetas a perder de vista.

Jackson e Imabelle viviam num quarto ao fundo do corredor. A senhoria estava a trabalhar e os outros hóspedes tinham saído. A casa estava por sua conta.

Hank ia transformar as cento e cinquenta notas de dez dólares de Jackson em cento e cinquenta notas de cem dólares.

Jackson observou Hank enquanto este enrolava cuidadosamente cada nota numa folha de papel tratado quimicamente, enfiando depois cada rolo num tubo de cartão e empilhando os tubos no forno do novo fogão a gás.

Os olhos de Jackson estavam vermelhos de desconfiança.

— Tens a certeza de que estás a usar o papel certo?

— Tenho obrigação de saber. Fui eu que o fiz — respondeu Hank.

Hank era o único homem no mundo que possuía aquele papel tratado quimicamente capaz de elevar o valor das notas. Fora ele próprio que o inventara.

Mesmo assim, Jackson observava todos os movimentos de Hank. Examinou até a parte de trás da cabeça de Hank quando este se voltou para meter o dinheiro no forno.

— Não estejas tão preocupado, paizinho — disse Imabelle, pondo o braço moreno e macio à volta dos seus ombros envoltos num casaco preto. — Sabes que não pode falhar. Já o viste fazer aquilo.

Jackson já o vira fazer aquilo, lá isso era verdade. Hank fizera-lhe uma demonstração há dois dias. Tinha transformado uma nota de dez numa nota de cem mesmo à frente dos seus olhos. Jackson levara a nota de cem ao banco. Dissera ao empregado que a tinha ganhado a jogar aos dados e perguntara-lhe se era autêntica. O empregado dissera-lhe que era tão autêntica como se tivesse sido feita na casa da moeda. Hank trocara a nota e devolvera os dez dólares a Jackson. Jackson sabia que Hank era capaz de o fazer.

Mas desta vez era a sério. Aquele dinheiro era tudo o que Jackson tinha. Era o dinheiro que economizara durante os cinco anos que trabalhara para o Sr. H. Exodus Clay, o agente funerário. E não lhe fora fácil ganhá-lo. Tinha conduzido limusinas em funerais, tinha ido buscar os mortos no carro funerário, limpado a capela, lavado os corpos e varrido a sala de embalsamar, despejado os caixotes de lixo com sangue coagulado, aparas de carne e entranhas podres.

Era todo o dinheiro que conseguira que o Sr. Clay lhe adiantasse sobre o ordenado. Todo o dinheiro que conseguira pedir emprestado aos amigos. Empenhara as suas roupas boas, o relógio de ouro, o alfinete de gravata com brilhante e um anel com sinete de ouro que encontrara no bolso de um morto. Jackson não queria que acontecesse nada.

— Não estou preocupado — disse Jackson. — Só estou nervoso. Não quero ser apanhado.

— Como é que nos podem apanhar, paizinho? Ninguém faz ideia do que nós estamos aqui a fazer.

Hank fechou a porta do forno e acendeu o gás.

— E agora vou fazer de ti um homem rico, Jackson.

— Graças a Deus. Ámen — disse Jackson, benzendo-se.

Não era católico. Era baptista, membro da Primeira Igreja Baptista do Harlem. Mas era um homem muito religioso. Sempre que estava preocupado, pelo sim, pelo não, benzia-se.

— Senta-te, paizinho — disse Imabelle. — Tens os joelhos a tremer.

Jackson sentou-se à mesa, olhando fixamente o fogão. Imabelle ficou de pé ao seu lado, apertando a cabeça dele no seu peito. Hank olhou para o relógio. Jodie estava um pouco afastado, de boca escancarada.

— Ainda não está pronto? — perguntou Jackson.

— Só mais um minuto — disse Hank.

Aproximou-se do lava-loiça para beber água.

— Esse minuto ainda não passou? — perguntou Jackson.

Nesse momento, o fogão explodiu com tal força que a tampa do forno foi arrancada.

— Raios me partam! — berrou Jackson. Saltou da cadeira como se o fundilho das suas calças tivesse explodido.

— Cuidado, paizinho! — gritou Imabelle, agarrando Jackson com tanta força que ele caiu de costas.

— Quietos aí, em nome da lei! — gritou uma voz desconhecida.

Um homem alto e magro, de cor e com pinta de polícia entrou a correr na cozinha. Tinha uma pistola na mão direita e um emblema dourado na esquerda.

— Sou o xerife. O primeiro que se mexer leva um tiro.

Estava com ar de quem falava a sério.

A cozinha enchera-se de fumo e tresandava a pólvora. O fogão estava a deitar gás. Os tubos de cartão chamuscados que tinham estado a cozinhar no forno estavam espalhados pelo chão.

— É a polícia! — gritou Imabelle.

— Eu ouvi! — berrou Jackson.

— Toca a pirar daqui! — gritou Jodie.

Passou uma rasteira ao xerife fazendo-o cair por cima da mesa e correu para a porta. Hank chegou lá antes dele e Jodie saiu quase às cavalitas de Hank. O xerife estava estendido em cima da mesa.

— Foge, paizinho! — disse Imabelle.

— Não esperes por mim — respondeu Jackson.

Estava de gatas e tentava levantar-se com dificuldade. Mas Imabelle ia a correr tão depressa que tropeçou nele e o deitou outra vez ao chão ao tentar chegar à porta.

Antes de o xerife se conseguir endireitar, já tinham fugido os três.

— Não te mexas! — gritou ele para Jackson.

— Não me estou a mexer, xerife.

Quando o xerife conseguiu finalmente pôr-se de pé, levantou Jackson com um repêlo e prendeu-lhe os pulsos com as algemas.

— A tentarem fazer de mim parvo! Vais apanhar dez anos por isto. A cara de Jackson ficou de um cinzento carregado.

— Não fiz nada, xerife. Juro por Deus.

Jackson tinha frequentado uma escola de negros no Sul, mas sempre que se exaltava ou que se assustava começava a falar no seu dialeto indígena.

— Senta-te e cala-te — ordenou o xerife.

Desligou o gás e começou a apanhar os tubos de cartão para servirem de prova. Abriu um, tirando lá de dentro uma nota de cem dólares novinha em folha, que segurou contra a luz.

— Feita com uma de dez. Ainda se veem as marcas.

Jackson começara a sentar-se, mas parou subitamente para se justificar.

— Não fui eu que fiz isso, xerife. Juro por Deus. Foram os dois tipos que fugiram. A única coisa que eu fiz foi vir à cozinha beber água.

— Não me mintas, Jackson. Já te conheço. Tenho provas contra ti, homem. Vocês são falsificadores. Há dias que ando com os três debaixo de olho.

Os olhos de Jackson encheram-se de lágrimas, de tal forma estava assustado.

— Oiça, xerife, juro por Deus que não tenho nada que ver com isso. Nem sequer sei como é que isso se faz. O homenzinho pequeno que fugiu, o Hank, é que é o falsificador. É ele que tem o papel.

— Não te preocupes com eles, Jackson. Também os hei de apanhar. Mas já te apanhei a ti, e vou levar-te para a sede da polícia

federal. Por isso estou a avisar-te, tudo o que disseres pode ser usado contra ti em tribunal.

Jackson deixou-se escorregar da cadeira e pôs-se de joelhos.

— Deixe-me ir só desta vez, xerife — as lágrimas começaram a correr-lhe pela cara abaixo. — Só desta vez, xerife. Nunca fui preso. Sou um homem religioso, e não sou desonesto. Confesso: fui eu que dei o dinheiro ao Hank para falsificá-lo, mas ele é que estava a violar a lei, não eu. Só fiz o que qualquer pessoa faria se quisesse ganhar bom dinheiro.

— Levanta-te, Jackson, e aguenta as consequências como um homem — disse-lhe o xerife. — Tens tanta culpa como os outros. Se não tivesses arranjado as notas de dez, o Hank não as podia transformar em notas de cem.

Jackson viu-se a cumprir uma pena de dez anos na prisão. Dez anos longe de Imabelle. Jackson só tinha Imabelle há onze meses, mas não conseguia viver sem ela. Tencionava casar-se assim que ela conseguisse o divórcio daquele homem do Sul com quem estava ainda casada. Se fosse para a prisão durante dez anos, ela acabava por arranjar outro homem e nunca mais se lembraria dele. Quando saísse da prisão, estaria velho, já com trinta e oito anos, seco. Ninguém lhe daria emprego. Nenhuma mulher o quereria. Tornar-se-ia um vadio, esfomeado, magrizona, a pedir pelas ruas do Harlem, a dormir nas ombreiras das portas, a beber álcool desnaturado para se aquecer. Não fora para isso que a sua mãe o tinha criado, não fora para isso que ela se tinha esforçado para o mandar para uma escola de negros, só para ele se tornar um marginal. Não podia de maneira nenhuma deixar que o xerife o levasse.

Agarrou o xerife pelas pernas.

— Tenha compaixão dum pobre pecador, homem. Eu sei que andei mal, mas não sou um criminoso. Deixei-me convencer. A minha miúda queria um casaco novo para o Inverno, queremos arranjar uma casa nossa, talvez comprar um carro. Só cedi à tentação. Você é de cor como eu, devia compreender. Onde é que nós, os negros, desgraçados como somos, vamos arranjar dinheiro?

O xerife levantou Jackson de um repelão.

— Que raio. Domina-te, homem! Vai beber um copo de água. Até parece que pensas que eu sou Jesus Cristo.

Jackson dirigiu-se para o lava-loiça e bebeu um copo de água. Chorava como um bebé.

— Podia ter um pouco de compaixão — disse ele. — Só um bocadinho daquela compaixão própria da natureza humana. Já perdi o dinheiro todo que tinha neste negócio. Isso não será castigo suficiente? Também é preciso ir para a prisão?

— Jackson, não és o primeiro homem que eu prendo por ter cometido um crime. E se eu deixasse toda a gente escapar? O que é que me acontecia? Ficava sem emprego. Teso e esfomeado. Não tardava que comesse a viver à margem da lei e que me tornasse também um criminoso.

Jackson olhou para a cara castanha e dura do xerife, para os seus olhos maldosos, sujos. Sabia que não havia compaixão nenhuma naquele homem. Assim que um negro se punha do lado da lei, perdia toda a caridade cristã, estava ele a pensar.

— Xerife, pago-lhe duzentos dólares se me deixar ir embora — ofereceu.

O xerife olhou para a cara molhada de Jackson.

— Jackson, eu não devia fazer isto. Mas estou a ver que és um homem honesto, desviado do bom caminho por uma mulher. E como és um homem de cor, como eu, desta vez deixo-te ir embora. Dá-me os duzentos dólares e és um homem livre.

A única maneira que Jackson tinha de deitar a mão a duzentos dólares era roubá-los ao seu patrão. O Sr. Clay guardava sempre duzentos ou trezentos dólares no cofre. Não havia nada que Jackson detestasse mais do que ter de roubar o Sr. Clay. Jackson nunca roubara dinheiro na vida. Era um homem honesto. Mas não tinha outra maneira de sair daquele buraco.

— Não os tenho aqui comigo. Tenho-os na agência funerária onde trabalho.

— Bem, sendo assim, levo-te lá no meu carro, Jackson. Mas tens de me dar a tua palavra de honra de que não tentas fugir.

— Eu não sou nenhum criminoso — protestou Jackson. — Não vou tentar fugir, juro por Deus. Só vou lá dentro buscar o dinheiro e depois entrego-lho.

O xerife abriu as algemas de Jackson e fez-lhe sinal para que saísse à sua frente. Desceram os quatro lanços de escada e saíram na Oitava Avenida, para onde dava a entrada do prédio.

O xerife fez um gesto indicando o Ford preto, um bocado velho.

— Como vê, também sou um homem pobre, Jackson.

— Pois é, xerife, mas não é tão pobre quanto eu, porque não só não tenho nada, como tenho menos que nada.

— Tarde demais para chorar, Jackson.

Entraram no carro, dirigiram-se para Sul pela Rua 134, depois para Leste até à esquina da Lenox Avenue, e estacionaram à frente da Agência Funerária H. Exodus Clay.

Jackson saiu do carro e subiu silenciosamente os degraus forrados de oleado vermelho das escadas de pedra altas; entrou pelas portas envidraçadas, com cortinados, da velha casa de pedra, e espreitou para dentro da capela sombria onde estavam expostos três corpos nos seus caixões abertos.

Smitty, o outro motorista e empregado para todo o serviço, beijava silenciosamente uma mulher que estava sentada num dos bancos estofados de veludo vermelho semelhantes àqueles em que estavam poisados os caixões. Não ouvira Jackson entrar.

Jackson passou por eles silenciosamente, em bicos dos pés, e desceu o corredor em direção ao armário das limpezas. Pegou num espanador e num pano de pó e voltou em bicos dos pés para o escritório que ficava na parte da frente.

A essa hora da tarde, quando não tinham um funeral, o Sr. Clay costumava dormir uma sesta no divã do seu escritório. Marcus, o embalsamador, era quem ficava de serviço. Mas Marcus dava sempre uma escapadela até ao bar de Small, que ficava na esquina entre a Rua 135 e a Sétima Avenida.

Silenciosamente, Jackson abriu a porta do escritório do Sr. Clay, entrou em bicos dos pés, encostou o espanador a uma parede e começou

a limpar o pó do cofre preto pequeno que ficava a um canto ao lado de uma secretária antiquada com tampo de correr. A porta do cofre estava fechada, mas não à chave.

O Sr. Clay estava deitado de lado, voltado para a parede. Parecia uma relíquia de museu, sob a luz fraca do candeeiro de pé que estava permanentemente aceso na janela da frente.

Era um homem pequeno, de idade, com pele que parecia pergaminho, olhos castanhos baços e cabelo grisalho comprido e farto. O seu traje habitual era uma casaca, um colete cinzento cruzado à frente, calças listradas, um colarinho engomado, um plastrão preto adornado com um alfinete de gravata com uma pérola cinzenta e umas lunetas sem aros atadas a uma fita preta comprida presa ao colete com um alfinete.

— És tu, Marcus? — perguntou ele subitamente sem se voltar.

Jackson teve um sobressalto.

— Não, Sr. Clay, sou eu, o Jackson.

— O que é que estás aqui a fazer a esta hora, Jackson?

— Estou só a limpar o pó, Sr. Clay — disse Jackson, abrindo cautelosamente a porta do cofre.

— Pensei que tinhas a tarde de folga.

— Tinha, sim. Mas lembrei-me de que a família do Sr. Williams vinha cá esta noite para ver os restos mortais do Sr. Williams, e sabia que o senhor havia de querer tudo a brilhar quando cá chegassem.

— Não te canses, Jackson — disse o Sr. Clay, sonolento. — Não tenho intenção de te dar um aumento.

Jackson obrigou-se a soltar uma gargalhada.

— Ora, o senhor está só a brincar, Sr. Clay. De qualquer maneira, a minha mulher não está em casa. Foi fazer uma visita.

Enquanto falava, Jackson abriu a porta interior do cofre.

— Bem me parecia que o problema era esse — murmurou o Sr. Clay.

Na gaveta do dinheiro havia uma pilha de notas de vinte dólares, em maços de cem dólares.

— Ah, ah, o senhor está só a brincar, Sr. Clay — disse Jackson, tirando cinco maços e enfiando-os nos bolsos das calças.

Bateu com a pega do espanador ao fechar as duas portas do cofre.

— Meu Deus, tens de me perdoar nesta emergência — disse ele silenciosamente. E depois, falando em voz alta. — Agora tenho de ir limpar as escadas.

O Sr. Clay não respondeu.

Jackson voltou em bicos dos pés até ao armário das limpezas, arrumou o pano e o espanador, e voltou silenciosamente para a porta da entrada. Smitty e a mulher continuavam a gozar os prazeres da vida.

Jackson saiu silenciosamente e desceu as escadas, dirigindo-se para o carro do xerife. Pegou em dois maços de cem dólares escondendo-os com a palma da mão e entregou-os disfarçadamente ao xerife através da janela aberta do carro.

O xerife escondeu-os entre as pernas enquanto os contava. Depois acenou afirmativamente com a cabeça e enfiou-os no bolso interior do casaco.

— Que isto te sirva de lição, Jackson — disse. — O crime não compensa.